POTENCIALIDADES DA FEIRA DE CIÊNCIAS PARA FOMENTAR A INCLUSÃO

Marli Spat Taha [1]

Ronan Moura Franco [2]

Fabiane Ferreira Da Silva [3]

Resumo:

Este trabalho apresenta uma atividade realizada em conjunto com bolsistas de Iniciação a Docência do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. A atividade consiste na participação de três alunos de inclusão, com diferentes deficiências e de etapas de ensino diferentes entre si. na organização e participação da feira de Ciências de uma escola municipal de Uruguaiana/RS. A organização aconteceu a partir de um clube de Ciências, que é um espaço de estudos que acontece em turno inverso. Durante o processo de organização os três alunos de inclusão sentiram-se interpelados pelos estudos e se engajaram para que a execução da feira de Ciências fosse um sucesso. Além disso apresentaram trabalhos no dia da feira. Essa participação está descrita no trabalho, bem como alguns resultados oriundos da mesma.

Palavras-chave: Inclusão. Ensino de Ciências. Estratégias

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

POTENCIALIDADES DA FEIRA DE CIÊNCIAS PARA FOMENTAR A INCLUSÃO

[1] Aluno de pós-graduação. nltaha@hotmail.com. Autor principal

[2] Aluno de pós-graduação. rmourafranco@gmail.com. Co-autor

[3] Docente. fabianesilva@unipampa.edu.br. Orientador

POTENCIALIDADES DA FEIRA DE CIÊNCIAS PARA FOMENTAR A INCLUSÃO

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma perspectiva de inclusão na escola através da Feira de Ciências, uma vez que a escola é um espaço que deve atender a todas e todos, independentemente das deficiências, sejam elas, de caráter físico, ou de caráter cognitivo. Sassaki (1997, p.41) entenda a inclusão como "um processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade". Essa questão se ampara na Lei de Diretrizes e Bases (LDB), no que tange a Educação Especial:

> Intensificando o processo de inclusão e buscando a universalização do atendimento, as escolas públicas e privadas deverão, também, contemplar a melhoria das condições de acesso e de permanência dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades nas classes comuns do ensino regular. Os recursos de acessibilidade, como o nome já indica, asseguram condições de acesso ao currículo dos alunos com deficiência e mobilidade reduzida, por meio da utilização de materiais didáticos, dos espaços, mobiliários e equipamentos, dos sistemas de comunicação e informação, dos transportes e outros serviços (BRASIL, 2013, p.126).

Nesse sentido, a escola busca estratégias que venham ao encontro das perspectivas de aprendizagem dos/as alunos/as e do processo de ensinagem do/da professor/a. As estratégias "refere-se aos meios utilizados pelos docentes na articulação do processo de ensino, de acordo com cada actividade e os resultados esperados" (MARTINS, 2011, p. 8).

A partir desse entendimento, a Escola Municipal de Ensino Fundamental José Francisco Pereira da Silva (JF), tem em seu calendário anual, a Feira de Ciências como uma estratégia para ensinar Ciências, oportunizando aos/às alunos/as de todas as etapas do ensino com deficiências ou não, a participarem como apresentadores da feira. Considerando que "a Ciência tenta compreender o mundo e, a experimentação facilita a compreensão dos fenômenos e transformações que acontecem no mundo (TAHA *et al*., 2016, p.139), dessa forma a escola JF se utiliza dessa ferramenta para ensinar Ciências.

A feira acontece anualmente e tem um espaço de preparação com meses de antecedência, tendo em vista a relevância do trabalho para a escola. Esse espaço de preparação para a feira é o Clube de Ciências, que tenta fomentar as discussões acerca dos fenômenos naturais a partir da experimentação, justificando assim essa escrita, que tem como objetivo apresentar os experimentos e as narrativas de alunos/as de inclusão que participaram da Feira de Ciências da escola JF no ano de 2017.

A escola tem em seu contexto o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do subprojeto Ciências da Natureza da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Campus Uruguaiana/RS. O PIBID participa do planejamento e da execução de alguns projetos na escola, dentre eles, a Feira de Ciências.

A partir do exposto, essa escrita apresenta a seguir a organização da Feira de Ciência da escola, bem como as narrativas de alunos/as de inclusão que participaram tanto da organização, quanto da execução.

2. METODOLOGIA

É um relato de atividade que apresenta como aconteceu a organização para a Feira de Ciências na escola JF, bem como as narrativas de alunos de inclusão neste processo.

A Feira de Ciências acontece na escola JF desde 2003, sempre na perspectiva de mobilizar os/as alunos/as no sentido de aprender ciências. Entretanto, trata-se de uma ação pontual, que faz com que a experimentação show se sobreponha a experimentação investigativa. A diferença entre os dois tipos de experimentação é descrita por Taha *et al*. (2016, p. 141-142), quando afirma que a experimentação show "é, por vezes, uma forma de atrair a atenção dos alunos para o ensino de Ciências", enquanto que a experimentação investigativa "tem o mesmo caráter da investigação científica: faz o levantamento do problema, elabora hipóteses, realiza o experimento para comprovar suas hipóteses e organiza os resultados para fazer suas próprias conclusões."

O Clube de Ciências, que iniciou suas atividades com a inserção do PIBID na escola, vem ao encontro das expectativas de uma experimentação investigativa. É uma atividade semanal que acontece em turno inverso na escola que vem contribuir para o desenvolvimento do/a aluno/a através da experimentação investigativa, oportunizando discussões acerca dos fenômenos naturais através de atividades experimentais.

Esse espaço para o ensino de Ciências, normalmente conta com a participação de um grupo que fica em torno de 10 alunos/as, das turmas em que o PIBID participa com a professora supervisora. Entretanto, no ano de 2017, poucos alunos/as mostraram interesse pela atividade, fazendo com que o convite para a participação se estendesse às demais turmas da escola. Assim, os alunos mais atuantes no clube foram três alunos de inclusão, que se sentiram interpelados pelo fazer da Ciência e se desafiaram a organizar e apresentar trabalhos na Feira de Ciências da escola.

São três alunos com Código Internacional de Doenças (CID)[1], todos com alto grau de deficiência cognitiva, que participaram desde a confecção de convites, crachás, lista de presença, até o momento de organização do espaço para a apresentação dos trabalhos.

Os resultados estão expressos em produções textuais e algumas narrativas que, de acordo com Larrosa (1996) é uma apresentação em uma modalidade discursiva, onde as histórias contadas, produzidas ou mediadas, preconizam a construção da nossa própria história. Os alunos de inclusão são do sexto, sétimo e oitavo ano da escola e não estão identificados nas discussões dos resultados.

3. RESULTADOS e DISCUSSÃO

[1] Os CIDS dos alunos são: Um deles com Deficiência física nos membros inferiores e paralisia cerebral CID 10:G80.1, outro com dislexia, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade – CID:R48.0 TDAH F90 e o terceiro aluno com heterotopia cerebral CID: 7.90 F 84.8. Esses dados foram fornecidos pela secretaria da escola.

Durante as atividades do Clube de Ciências, os/as bolsistas ID apresentavam propostas de trabalho de acordo com o nível de cognição dos participantes. O aluno 6 colocou a questão da seguinte maneira:

"quero fazê uma coisa que faz fumaça e nada separado igual na aula"

A LDB garante que alunos/as da Educação Especial tenham atividades que "identifique suas necessidades educacionais específicas, defina os recursos necessários e as atividades a serem desenvolvidas." (BRASIL, 2013, p. 126). Desse modo, em função de suas limitações, as atividades ofertadas aos mesmos são diferenciadas dos demais colegas durante a aula regular. Esse procedimento não acontece no Clube de Ciências, tendo em vista que neste espaço, cada aluno/a fica responsável pela sua investigação e, desse modo a explora a seu tempo e limitações.

Os experimentos realizados eram de escolha dos/as participantes, que investigaram para descobrir os conceitos envolvidos a partir da experimentação e das discussões que sucedem a mesma, além disso, a cada final de atividade os/as participantes apresentam um relato acerca do trabalho a que se propôs.

Em um desses relatos, um deles realizou uma escrita, que, ao ser lida, poderia ser imputado a ele um conceito de um aluno semialfabetizado, entretanto, considerando seu déficit de aprendizagem, essa atividade o interpelou de tal forma, que sua participação não se limitou em fazer suas próprias atividades experimentais, mas em mobilizar outros/as colegas a participarem do Clube de Ciências. A partir disso, passou a fazer parte de vários outros grupos de trabalhos em sala de aula, inserindo-se socialmente.

Ressalta-se que a escola é um espaço que além de produzir conhecimento, amplia as relações sociais, conforme Delizoicov *et al*. (2009, p. 140) "a escola é outro espaço de sociabilidade, de inserção em relações sociais externas ao âmbito familiar." E, o Clube de Ciências, bem como a Feira de Ciências, corroboram para essa inserção.

Esse entendimento fica perceptível na fala de um aluno, quando pede para participar da Feira de Ciências em parceria com o aluno que apresenta dislexia, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade.

"Preciso estar no grupo dele, é o único que sabe sobre a fotossíntese"

Como devolutiva às expectativas do colega, este aluno de inclusão se preparou com muito afinco para o dia da feira. Além disso, tem conseguido se inserir em grupos de trabalhos nas demais disciplinas que fazem parte da grade curricular da sua etapa de ensino.

Após três meses de preparação a Feira de Ciências foi realizada no dia cinco de junho, ao final do turno da tarde na escola JF e, foi considerada mais relevante para esses três alunos, do que para os demais participantes, uma vez que além de apresentarem um bom desempenho em seus trabalhos, estão agora inseridos socialmente em suas salas de aula.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experimentação é uma ferramenta pedagógica que tem potencial para o Ensino de Ciências, uma vez que aguça a curiosidade e fomenta as discussões acerca dos fenômenos da natureza. Pode-se afirmar que quando o experimento é feito apenas como reprodução de roteiro, não oferece resultados positivos, entretanto, se olharmos para todas as questões que estão implicadas a esse fazer,

podemos atribuir a ele uma característica nova, com caráter social de inclusão, que promove o estreitamento nas relações estudantes – escola – estudantes.

Na prerrogativa da experimentação, a inclusão se fortalece e amplia as possibilidades a que se propõe: envolver os/as alunos/as de maneira que a atividade se adapte às necessidades dos mesmos.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm>. Acesso em: 26 set. 2017.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A. P.; PERNAMBUCO, M. M. C. **Ensino de ciências: Fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2009.

LARROSA, J. Narrativa, identidad y desidentificación. In: _____. **La experiencia de la lectura**. Barcelona: Laertes, 1996. P. 461-482.

MARTINS, A. F. M. A. **Adequação de Estratégias de Ensino aprendizagem numa Turma Reduzida**: Estudo de Caso. Dissertação de mestrado – Universidade de Lisboa – Instituto de Educação. 2011. Disponível em: < http://hdl.handle.net/10451/5158>. Acesso em: 25 set. 2017.

SASSAKI, R. K. **Inclusão da pessoa com deficiência no mercado de trabalho.** São Paulo: PRODEF, 1997, 16 p.

TAHA, M. S; LOPES, C. S. C; LIMA, E. S de; FOLMER, V. Experimentação como Ferramenta Pedagógica para o Ensino de Ciências. **Experiências em Ensino de Ciências** v.11, n. 1, 2016. Disponível em: < http://if.ufmt.br/eenci/artigos/Artigo_ID305/v11_n1_a2016.pdf>. Acesso em: 27 set. 2017.

Este trabalho teve o apoio da CAPES - Brasil